

HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLA ESTADUAL DE UBERLÂNDIA (1929 - 1950)

*HISTORY AND SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE
STATE SCHOOL OF UBERLANDIA (1929 - 1950)*

Giseli Cristina do Vale Gatti*
Geraldo Inácio Filho**

RESUMO

Trata-se da comunicação dos resultados alcançados em investigação no campo da História da Educação, especificamente, na área da História das Instituições Educacionais. A instituição em exame é a Escola Estadual de Uberlândia, sediada em Uberlândia, Minas Gerais. Esta pesquisa objetivou analisar a História da Escola Estadual de Uberlândia a partir das representações sociais construídas ao seu redor na cidade e região no período de 1929 a 1950. No decorrer dessa investigação foram consultadas a bibliografia nacional e internacional sobre o assunto, os documentos do acervo da escola, bem como jornais de época, fotografias e documentos do acervo do arquivo público municipal. Além disso, foram importantes os depoimentos recolhidos junto a ex-alunos e ex-professores do colégio, entre outros. Os resultados alcançados demonstraram que as representações sociais construídas em torno da Escola Estadual de Uberlândia conferiram centralidade a essa instituição na cidade e região do Triângulo Mineiro, o que contribuiu para legitimar seus egressos como futuros dirigentes dos setores público e privado. Além disso, foi possível apreender a dimensão conservadora e tradicional da escola, com a valorização da pátria e da disciplina como modeladoras dos espíritos, mediante a ação dos professores vocacionados para a missão educacional. Nesse sentido, pôde-se perceber a distância do ideário vigente na escola em relação àquele preconizado pelo movimento escolanovista que influenciava as reformas educacionais do período.

Palavras-Chave: História das Instituições Educacionais - Escola - Representações Sociais.

ABSTRACT

It concerns the communication of the results achieved in the investigation on the History of Educational Institutions area. The institution in question is the State School of Uberlândia, located in Uberlândia, Minas Gerais. This research had the purpose to analyse the History of the State School of Uberlândia from the social representations built around itself in the city and region from 1929 to 1950. During this investigation it was consulted the nacional and internacional bibliography on this topic, the documents of the amount of the school, as well as the seasons newspapers, photographs and documents of the municipal public file. Besides that, it's good to emphasize the importance of the statements that were gather from former students and former teachers of the school, among others. The results achieved showed that the social representations built around the State School in Uberlândia had given centralness to this institution in the city and in Triângulo Mineiro area, which contributed to legitimate its departures as future leaders of public and private sectors. Besides, it was possible to apprehend the conservative and traditional dimension of the school, with the appreciation of the country and the discipline as spirits modelling given to the action of the gifted teachers to the educational mission. This way, it could be realized the distance from the existent system of political and social ideas at school with regard to that extoled by the moviment that used to influence educational of the period.

Key Words: History of Educational Institutions - School - Social Representations

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora substituta da Universidade Federal de Uberlândia. Membro do NEPHE/UFU. (giseli@faced.ufu.br)

** Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, pesquisador do "Núcleo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação Brasileira", órgão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da referida Instituição. (gfilho@ufu.br)

Introdução

A temática dessa investigação refere-se às representações sociais construídas sobre a Escola Estadual Uberlândia¹, no período de 1929 a 1950. A pesquisa insere-se no campo da Educação, na sub-área da História da Educação, especificamente vinculada às temáticas presentes na História das Instituições Educacionais.

A problemática da pesquisa envolve o interesse pelo passado de uma das mais antigas instituições educacionais da cidade de Uberlândia. Instituição emblemática dada sua gênese privada, em 1912, e sua consolidação como escola pública, desde 1929. De fato, a escola, dedicada à formação de secundaristas, tornou-se referência na cidade de Uberlândia, sendo que o período focado nesta investigação, 1929 a 1950, parece assinalar o momento de cristalização da imagem social da escola.

Nessa época, a escola tornou-se pólo de demonstrações cívicas, culturais, esportivas. Além disso, seu modelo pedagógico, que unia disciplina, rigidez, separação e controle dos corpos, tornou-se referência para outras instituições e modelo de escola de qualidade para pais e alunos.

A investigação acerca dessa escola tornou-se importante à medida que pode-se perceber o número considerável de seus egressos que ocuparam e ocupam cargos públicos e que dirigem empresas privadas na cidade de Uberlândia. Cidade esta que passou a ocupar, desde os anos sessenta, centralidade na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba e que, por esse motivo, ganhou peso político regional, contando para isso com políticos que, em quase sua totalidade, passaram sua juventude nos bancos da atualmente nomeada Escola Estadual de Uberlândia.

A delimitação da abrangência temporal da investigação do período compreendido entre os anos de 1929 e 1950 é explicado pelo fato de que, em 1929 que a escola passou para o setor público, momento em que houve considerável evolução do número de alunos no qual se cristalizou a imagem social da escola. Os anos cinquenta, por seu turno, assinalam um momento de expansão quantitativa muito forte, nos marcos do desenvolvimentismo e da massificação do ensino que se iniciava, o que acarretou considerável alteração da identidade da escola.

Provavelmente, a importância em se realizar um estudo como este esteja vinculado à possibilidade de contribuir para o alargamento do conhecimento dos processos educacionais ocorridos na cidade de Uberlândia, estabelecer conexões entre o que se passava em uma escola singular e o seu entorno, bem como conferir visibilidade pública a uma série de documentos e idéias que, com a ação do tempo e do descaso do Estado estariam fadadas à destruição.

Deste modo, pode-se afirmar que o interesse central da investigação realizada prendeu-se à tentativa de apreensão das representações sociais construídas sobre a Escola Estadual de Uberlândia. Para tanto, foi necessário efetivar alguns estudos

¹ A escola foi fundada em 1912, com a designação de Ginásio de Uberabinha. Em 1929, com a estadualização, foi designada, por alguns meses, como Ginásio Mineiro de Uberlândia. Neste mesmo ano, devido à mudança de nome da cidade de São Pedro de Uberabinha para Uberlândia, a escola passou a ser designada por Ginásio Mineiro de Uberlândia. Em 1944, a escola passou a ser designada como Colégio Estadual de Uberlândia e, por fim, em 1968, recebeu a designação que conserva até os dias de hoje, Escola Estadual de Uberlândia.

teóricos preliminares visando ao aprofundamento do conhecimento do campo de pesquisa sobre as instituições educacionais, o exame da situação educacional em âmbito nacional, regional e, por fim, local, bem como a apreensão dos movimentos e opiniões particulares sobre a escola analisada.

É importante ressaltar que a educação escolar, quando tematizada, tem, em suas instituições, o local onde se desenvolvem, de fato, o cotidiano do ensino e da aprendizagem sistematizada. Essas instituições que, muitas vezes, contribuem para a permanência das estruturas de classe existentes nas localidades brasileiras, exerceram papéis extremamente diferenciados no que diz respeito à formação de sua clientela.

Ao focar a Escola Estadual de Uberlândia na perspectiva de apreensão das representações sociais sobre ela construídas, partiu-se do entendimento de representação como sendo uma forma de organização do conhecimento da realidade, embora entendendo essa *realidade*, como uma construção social.

As representações coletivas fornecem sistemas de valores indispensáveis para a vida dos grupos sociais a medida em que regulam a organização simbólica e inconsciente da realidade para todos o indivíduos de uma comunidade determinada.

Para Chartier,

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Dai, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Houve diversidade de materiais históricos consultados e construídos durante a investigação, incluindo: bibliografia histórico-educacional, normas educacionais, notícias publicadas em periódicos locais, documentos escolares, iconografia e diversos depoentes.

Quanto à bibliografia histórico-educacional pôde-se aproveitar da textualidade já conhecida sobre a temática da educação escolar, adensada, sobretudo pelo exame metucioso de literatura sobre representações sociais, oriundas do campo sociológico e histórico.

Quanto aos documentos mais afetos a escola analisada, consultou-se documentação de seu próprio acervo que, infelizmente, não possui a adequada guarda, organização e conservação; documentos localizados no Arquivo Público Municipal, especialmente jornais e revistas da época abrangida pela investigação; documentação iconográfica, sobretudo do Arquivo Jerônimo Arantes, localizado no Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS; documentação pessoal de membros da escola que lá estavam no período coberto pela investigação.

Quanto aos depoimentos colhidos para efetivação da pesquisa, totalizaram doze entrevistas realizadas diretamente pela investigadora e uma aproveitada de projeto desenvolvido pelo Arquivo Público Municipal.

Parte considerável dos depoimentos foi colhida de alunos que estudaram na escola no período de 1929 a 1950. Tendo em vista a necessidade de percepção do papel que a escola teve na formação da elite dirigente optou-se por concentrar os esforços de recolhimento de depoimentos orais sobre egressos que ocuparam ou ocupassem funções destacadas na sociedade.

Não foi possível entrevistar diretamente nenhum professor que estivesse na escola no período coberto pela investigação, pois muitos já haviam falecido ou não foram encontrados. Outros ainda não quiseram conceder entrevista, motivados por alegada doença ou por desinteresse.

Desse modo, optou-se pela utilização de um depoimento colhido pelo Arquivo Público Municipal com o Prof. Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido como Prof. Vadico, diretor da escola entre 1939 e 1968, ou seja, durante grande parte do período coberto por essa investigação³. Além disso, foi possível entrevistar o Prof. Celso Correa dos Santos que, apesar de não ser professor durante o período em questão trabalhou nesta instituição como professor de 1961 a 1972 tendo sido diretor no período de 1968 até 1972. Forneceu informações importantes sobre os professores com os quais conviveu nos anos sessenta e que já estavam na escola há longo tempo.

As entrevistas foram realizadas a partir de roteiros comuns, elaborados previamente e destinados a ex-alunos e ex-professores, com cerca de vinte questões cada uma, versando sobre o cotidiano da escola, suas relações com a comunidade e a imagem que cada um dela fazia.

Sem dúvida, os depoimentos foram valiosos para o alcance dos objetivos presentes nessa investigação, pois ao aliar-se ao conjunto documental já examinado, deram mais vida ao objeto estudado. De fato, por meio do exame concreto das falas presentes na diversidade de documentos consultados e produzidos, falas que pela sua materialidade permitiram a percepção das representações constantes no *corpus* social, tornou-se possível contribuir para a construção de uma interpretação acerca das representações sociais veiculadas sobre a Escola Estadual de Uberlândia no período em questão, bem como o papel exercido pela escola na formação dos jovens que a frequentavam.

1. Apontamentos teóricos sobre representações sociais das instituições educacionais

A História das Instituições Educacionais é uma tendência recente na historiografia educacional brasileira que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das análises de conjunto que se faziam presentes, sobretudo, nos trabalhos da História da Educação brasileiros.

No processo de investigação das instituições encontram-se informações de natureza variada, presentes em fontes orais, documentais, arquitetônicas e iconográficas. Desta maneira, procura-se mostrar a importância do estudo das instituições escolares, pois esta é uma forma de se preservar a memória educacional e inovar as interpretações da História da Educação.

³ Trata-se de uma longa entrevista, transcrita em 46 páginas, realizada por Creuza Rezende, Luiz Cláudio Oliveira e Maria José Mamede, em 25 de janeiro de 1990, no Teatro Rondon Pacheco, em Uberlândia.

A História das Instituições Educacionais é uma tendência recente na historiografia educacional brasileira que confere relevância epistemológica e temática ao exame das singularidades sociais em detrimento das análises de conjunto que se faziam presentes, sobretudo, nos trabalhos da História da Educação brasileiros.

No processo de investigação das instituições encontram-se informações de natureza variada, presentes em fontes orais, documentais, arquitetônicas, e iconográficas. Desta maneira, procura-se mostrar a importância do estudo das instituições escolares, pois esta é uma forma de se preservar a memória educacional e inovar as interpretações da História da Educação

1.1. A Historiografia em ritmo de mudança

Atualmente, a escola tem sido objeto de diversos estudos das Ciências da Educação. A partir desse fato percebe-se a existência de um afastamento da produção proveniente da História da Educação do caráter prescritivo e justificador que ela comportava antes, passando a elaborar suas interpretações sobre o passado educacional, por meio da análise de uma série de evidências e não apenas da legislação educacional.

Nesse sentido, a História da Educação beneficiou-se enormemente da renovação historiográfica proveniente da História Nova, especialmente do caráter cultural mais amplo que ela assumiu, com a prevalência da visão de totalidade, em substituição às visões mais estreitas, seja da História Política tradicional ou do marxismo vulgar e todo economicismo que o comportava.

As pesquisas historiográficas na área de instituições escolares parece destacar os atores envolvidos no processo de desenvolvimento educativo que ocorre nas escolas.

A este respeito, Justino Magalhães diz o seguinte:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico⁴.

A partir dessa renovação historiográfica passa a existir uma revalorização da memória, representações e experiências, com a recuperação das marcas do passado e abertura a diversas fontes de informação. Nesse contexto, a preocupação que existe neste tipo de pesquisa é de se buscar uma aproximação do cotidiano escolar, suas práticas, representações e apropriações, tentando encontrar possíveis interpretações sobre a história da instituição a ser investigada.

Dessa maneira, a apreensão dos elementos que conferem identidade à instituição educacional, isto é, os elementos que possam conferir sentido único no cenário social

⁴Justino MAGALHÃES, *Contributo para a História das Instituições Educativas: entre a memória e o arquivo*, p. 2.

do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos, é objetivo das investigações no campo da História das Instituições Escolares.

1.2. As instituições educacionais e sua historicidade

Segundo o Dicionário Aurélio o termo instituição vem do latim *institutione* e uma de suas acepções conceitua a palavra como sendo uma associação ou organização de caráter social, educacional, religioso, filantrópico etc.

Neste sentido André Petitat afirma que:

A escola é uma instituição educativa especializada, nisto distingue-se da família, dos clãs familiares, dos locais de trabalho, das comunidades de ofícios, de associações e de grupos de todo tipo, os quais também moldam as novas gerações e reeducam até mesmo os adultos. O ensino é um ramo da divisão social do trabalho que somente se impõe quando certas condições estão devidamente preenchidas⁵.

A escola, nesse sentido, relacionou-se com as estruturas sociais complexas, separando-se das instâncias educativas não especializadas. As instâncias especializadas, no caso, as escolas, são co-responsáveis pela produção-reprodução das construções simbólicas (religião, regras administrativas, leis etc.). A tentativa de homogeneização de valores, de imagens, de símbolos etc., nunca é transmitida em sua totalidade, pois a escola obtém apenas resultados parciais, que podem ser contestados através da evolução de conflitos sociais. A função de homogeneização simbólica das escolas está diretamente ligada às relações de dominação.

A escola, em síntese, é uma instância especializada na educação de futuras gerações, mostra-se necessária quando a sociedade atinge um nível de divisão do trabalho que traz implicações no uso da escrita, na existência do Estado e no surgimento de grandes grupos sociais.

Ela diferencia-se da família e da comunidade que são consideradas formas básicas de educação, tidas como esparsas e fragmentadas. Assim a escola contribui para produzir e reproduzir a homogeneidade cultural que está relacionada com a divisão de trabalho e parcialmente determinada pelos conflitos sociais e as relações de dominação⁶.

Os grupos dominantes desempenham um papel fundamental na orientação das instituições escolares na seleção de seus conteúdos simbólicos, de suas práticas e de seus públicos, uma vez que dependem deles a sua própria sobrevivência e de toda uma sociedade. Nesse sentido, a escola é plenamente uma instituição, pois é uma decorrência de necessidades sociais básicas e tem, geralmente, longa permanência no meio social. Além disso, é verificável o valor dos códigos de conduta dos quais é portadora.

⁵ André PETITAT, *Produção da Escola/Produção da Sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente*, p.194.

⁶ *Ibid.*, p. 200.

Os estudos relacionados às instituições escolares estão diretamente ligados a assuntos referentes à História Regional e Local. O ressurgimento da História Regional e Local, na França e na Inglaterra, durante os anos 1950, trouxe novas perspectivas para a sua inserção na História Social.

A história local expandiu-se muito, justamente por explorar aspectos ligados à memória que até então eram considerados sem importância para as perspectivas da história nacional. Segundo Pierre Goubert

A prática meticulosa da História Local e a multiplicação de monografias sobre regiões específicas podem nos conduzir muito mais longe; podem servir para destruir muitas concepções gerais que em tempos passados pareceram tão vigorosas e foram tanto incorporadas em tantos livros, comunicações, conferências.

Em outras palavras, a História Local procura trazer à tona aspectos relevantes ligados à história nacional, mas também procura estudar temas que não estão ligados ao âmbito nacional, como o cotidiano de uma instituição educacional. Isso faz com que o historiador tenha um trabalho exaustivo na análise e sistematização da documentação recolhida, quando esta se torna fragmentada. Assim é possível lançar mão de outros tipos de registro tais como fontes iconográficas, correspondências, diários e principalmente de fontes orais. Por meio dela é possível reconstituir um passado que muitas vezes não é possível encontrar em documentos, em muitos casos os discursos só podem ser recuperados por meio do que foi registrado na memória das pessoas mais velhas.

A História Local é sem dúvida uma nova perspectiva de análise histórica que tem por objetivo trazer à tona temas singulares até então esquecidos e desvalorizados e que podem ser importantes para a construção tanto de uma história regional, como também de uma história nacional, com grandes contribuições para o debate historiográfico nacional.

1.3. Representação: aproximações e conexões

Representação, do latim *repraesentatio*, é um termo carregado de significado e é de suma importância para o desenvolvimento atual das Ciências Humanas. Uma das acepções presentes no Dicionário Aurélio conceitua representação como: *conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento*. Na Filosofia significa:

⁷ Pierre GOUBERT, *História Local*, p. 51.

Operação pela qual a mente tem presente em si mesma uma imagem mental, uma idéia ou um conceito correspondendo a um objeto externo. A função de representação é exatamente a de tornar presente à consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real. A noção de representação geralmente define-se por analogia com a visão e com o ato de formar uma imagem de algo, tratando-se no caso de uma imagem não-sensível, não visual. Esta noção tem um papel central no pensamento moderno, sobretudo no racionalismo cartesiano e na filosofia da consciência. Sob vários aspectos, entretanto, a relação de representação parece problemática, sendo por vezes entendida como uma relação causal entre o objeto externo e a consciência, por vezes como uma relação de correspondência ou semelhança. A principal dificuldade parece ser o pressuposto de que a consciência seria incapaz de apreender diretamente o objeto externo⁸.

Nesse sentido, aproxima-se do significado atribuído a imaginário, do latim, *imaginarius* que, em um sentido mais específico, é o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, em termos dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo⁹. É importante ressaltar que "representação", em praticamente todas as acepções teóricas, é visto como social, ainda que sua manifestação seja realizada na maioria das vezes no plano individual.

Nas Ciências Sociais "representação" é definida como *categorias que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a*¹⁰. Durkheim é o primeiro a utilizar o conceito, com o designativo de representações coletivas. Pare ele:

*As Representações Coletivas traduzem a maneira como o grupo se pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender como a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos. Os símbolos com que ela se pensa mudam de acordo com a sua natureza*¹¹.

Max Weber ao tratar das questões relacionadas às representações sociais o fez em oposição às idéias de Durkheim que defendia a existência de uma relação de adequação entre idéias e base material. Assim, segundo Weber, tanto as representações quanto às idéias têm a sua própria dinâmica e podem ser tão importantes quanto a base material.

⁸ Hilton JAPIASSU e Danilo MARCONDES, *Dicionário Básico de Filosofia*, p. 213-4.

⁹ *Ibid.*, p. 129-30.

¹⁰ Maria Cecília de Souza MINAYO, *O Conceito de Representações dentro da Sociologia Clássica*, p. 89.

¹¹ E. DURKHEIM, *As Regras do Método Sociológico*, p. 381.

A concepção weberiana está distante do pensamento positivista e, em certo sentido, é contrária ao chamado marxismo vulgar - economicista e excessivamente determinista. Por outro lado, aproxima-se da tradição marxista mais recente, que, nesse aspecto particular, confere importância à explicação histórica para outros campos da vida social que não somente à esfera econômica, mas, também, às esferas da política, da cultura e mesmo da religião. São diversos os autores marxistas que, desde os anos 50, compreendem o ser social como sendo, simultaneamente, determinado e determinante dos processos de permanência e mudança. O próprio Karl Marx, em 1846, afirma que:

*A História não é senão a sucessão das diferentes gerações, cada uma das quais explora os materiais, os capitais, as forças produtivas que lhes são transmitidas pelas gerações precedentes; assim sendo, cada geração, por um lado, continua o modo de atividade que lhe é transmitido, mas em circunstâncias radicalmente transformadas, e, por outro lado, ela modifica as antigas circunstâncias entregando-se a uma atividade radicalmente diferente [...]*¹².

De comum pode-se perceber que em praticamente todas as formas de abordagem da questão das representações está o fato de que a linguagem, o discurso, a palavra é a principal portadora dos conteúdos representacionais.

Nesse sentido, ganham relevo, na pesquisa sobre representações, os testemunhos, os registros escritos, entre outros suportes materiais das palavras, das idéias. Segundo Roger Chartier, à História Cultural

*[...] tem como objeto principal identificar a forma como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. [...] Desta forma pode-se pensar a história cultural do social tomando por objeto a compreensão das formas e dos motivos, isto é, partindo das representações do mundo social, na qual os atores que dela fazem parte, possam traduzir as suas posições e interesses de forma objetiva, e que de forma paralela, descrevem a sociedade tal como pensam que ela seja, ou como gostariam que fosse*¹³.

Sendo assim, é necessário identificar como símbolos e considerar como simbólicos todos os signos, atos ou objetos. Neste contexto o termo simbolização tem por objetivo exprimir ou representar alguma coisa e é por meio dela que se pode fazer a apreensão da realidade.

¹² Karl MARX, A Ideologia Alemã, p. 47

¹³ Roger CHARTIER, A História Cultural: entre práticas e representações, p. 16-9.

A tradição do idealismo crítico define como forma simbólica todas as categorias e todos os processos, que constroem o mundo como representação. Assim podemos tomar o conceito de representação em um sentido mais particular e historicamente mais determinado.

Há múltiplos significados para o termo representação. Um deles é que esse termo refere-se ao ausente, o que sugere uma distinção entre aquilo que representa e aquilo que é representado. Essa representação é um instrumento de conhecimento indireto que faz ver um objeto ausente, através da substituição por uma imagem, imagem essa que é capaz de reconstruir em memória a figura tal como ela era. Exemplo dessa perspectiva são os bonecos de cera utilizados em caixões ou tumbas durante os funerais de soberanos ingleses ou franceses, a fim de representar a dignidade imortal perpetuada na pessoa mortal do rei.

Existe ainda um outro sentido atribuído a esse termo, no qual representação é uma forma de exibição de uma presença, ou seja, como uma apresentação pública de algo ou alguém. Neste sentido a representação tem uma relação simbólica, que consiste na representação através de imagens ou propriedades das coisas naturais, a título de exemplo pode-se ver o leão como símbolo de valor. Desta maneira a relação de representação pode ser entendida através de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo-se pela outra.

Para Chartier, a realidade possui três dimensões: da representação, da prática e da apropriação. No caso da representação, a realidade deve ser apreendida pelos sujeitos sociais através de imagens, pois é através das práticas que a realidade se materializa, ou seja, as práticas visam reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo por meio de formas institucionalizadas.

A apropriação é a maneira pela qual os indivíduos interagem com a realidade, em outras palavras, tem por objetivo uma história social das interpretações remetidas para as suas determinações fundamentais que são sociais, institucionais e culturais e inscritas nas práticas específicas que as produzem.

Em síntese, na perspectiva apresentada por Chartier, está contida a defesa de que a História deve ser compreendida como um estudo de processos pelos quais se constrói um sentido, uma realidade e que busca dar significado ao mundo¹⁴.

Para entender o que seria a representação coletiva é necessário, continuar a abordar o significado de representação. Na abordagem de Jacques Le Goff, representação é tomada como sendo a tradução mental de uma realidade exterior percebida e liga-se ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade, ou seja, ela dá vida à representação¹⁵.

Neste caso, a articulação que se faz é que a sociedade constrói a sua ordem simbólica, que não é conveniente chamar de real, mas sim de representação da realidade, pois é através de um sistema de idéias-imagens que se pode dar significado à realidade.

¹⁴ Roger CHARTIER, *op. cit.*, p. 27.

¹⁵ Evelyn PATLAGEAN, *A História do Imaginário*, p. 291

Assim, pode-se dizer que o real é ao mesmo tempo concretude e representação. Neste contexto uma sociedade é instituída de forma imaginária, uma vez que ela se expressa de forma simbólica por meio de um sistema de idéias-imagens que constituem a representação do real.

As sociedades, no decorrer de sua História, construíram suas próprias representações globais, ou seja, através de um sistema de idéias-imagens, de representação coletiva, é que elas procuram estabelecer sua identidade, suas divisões, legitimar seu poder e conceber modelos para conduta de seus membros. Estes seriam modelos de representação coletiva, e não reflexos da mesma.

Na elaboração de idéias-imagens relacionada com a representação coletiva, não é necessário que haja consonância com o que se pode chamar de verdade social, mas sim uma forma de buscar o entendimento ou interpretação dessa realidade.

O imaginário, no campo da História, tem lugar privilegiado. Desta forma, pode-se dizer que a História é um modo de representação, visto que todo fato histórico tem uma existência lingüística, ainda que o discurso seja exterior ao seu referente (o real), pois o passado já nos chega em forma de discurso, uma vez que não é possível recuperar a realidade em sua totalidade.

Carlo Ginzburg, importante historiador italiano, afirma que só é possível apreender as representações por meio de uma articulação texto/contexto, ou seja, não se pode abandonar a idéia de totalidade para estabelecer a compreensão de um texto. Se a realidade aparece algumas vezes de forma distorcida e incompreensível, deve-se buscar indícios, estabelecer relações e procurar significados em dados aparentemente irrelevantes, mas que adquirem sentido dentro de um contexto mais amplo, que é a necessária referência para se fazer uma interpretação¹⁶.

Segundo Roger Chartier, não é possível entender uma História Cultural desconectada de uma História Social, posto que suas representações são produzidas a partir de papéis sociais. Ele afirma seu entendimento de que não há real oposição entre mundo real e mundo imaginário. O discurso e a imagem, mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição de poder e transformação da realidade. Desta forma, a representação do real, o imaginário, é em si, um elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo¹⁷.

As representações coletivas são consideradas ao mesmo tempo matriz e efeito das práticas construtoras do mundo social. O imaginário tido como um sistema de idéias-imagens de representações coletivas, é considerado o outro lado do real.

O imaginário não deve ser confundido com o simbólico, apesar de terem a mesma natureza, isto é, o símbolo é algo que não significa ele mesmo, significa sempre outra coisa, do mesmo modo as imagens que constituem o imaginário.

Segundo Sandra J. Pesavento, pode-se concluir que

¹⁶ Cf. Sandra Jatahy PESAVENTO, op. cit., p. 18.

¹⁷ Roger CHARTIER, *O Mundo como Representação*, p.107-24.

[...] o imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, um jogo de espelhos onde o "verdadeiro" e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de se perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar o significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer¹⁰.

Deste modo, pode-se considerar que a história constitui-se como uma forma de representação, pois é por meio dela que se procuram buscar possíveis interpretações a fim de se compreender os processos sociais ocorridos no passado.

1.4. Representações Sociais das Instituições Educacionais

A educação constitui uma área temática em que a representação social tem tido um importante destaque. Nesse contexto, as instituições escolares têm sido bastante privilegiadas, uma vez que, tal como as pessoas, essas instituições são portadoras de memórias, uma memória gerada por contraposição com outras memórias, que corre ao ritmo do tempo, das pessoas e das gerações.

Essa memória gira em torno do fabuloso e do heróico, sendo também colocada como uma memória ritualista e comemorativa. Este é um fato que não se deve ignorar. As instituições consideradas como transmissoras de cultura, a cultura escolar, também não deixam de produzir a mesma, uma vez que elas são consideradas organismos vivos que tanto ontem como hoje, integram-se de forma mais ou menos convergente numa política educativa, em uma estrutura educacional e não deixaram de fazê-lo de maneira crítica e adaptativa.

Nas instituições educativas, os sujeitos e, em especial os alunos, são, sem dúvida, o seu núcleo principal, pois sua existência está diretamente ligada às atividades de todos seus integrantes¹¹.

Nesse contexto, a busca de alunos é considerada função fundamental da instituição educacional, uma marca que tende a conferir-lhe poder autônomo nos quadros regional e local. Isto porque esses alunos são colocados como atores principais no desenvolvimento da escola e, ao se estudar o passado de uma instituição educacional, muitas vezes esses alunos são tidos como fontes importantes e imprescindíveis para a busca de uma interpretação a respeito de tal instituição.

Tal fato acontece quando os documentos relacionados com a História da Instituição Educacional se mostram ineficazes na busca de uma análise de seu passado ou porque esses documentos se perderam com o tempo ou porque não estão disponíveis ao acesso público.

¹⁰ Sandra Jahaty PESSAVINTO, op. cit., p. 23-4.

¹¹ Luiz PIREIRA e Marilice M. FORACCHI, Educação e Sociedade, p.105

Sendo assim a memória pode ser considerada conservação do passado, no qual o mesmo sobrevive sob a forma de lembrança. A lembrança acontece quando provocada, ou seja, quando alguém ou algum fato nos remete ao passado. Assim na maioria das vezes lembrar não é reviver o passado, mas sim reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Memória não é sonho, mas sim trabalho²⁰.

É nesse quadro que os alunos, professores e até mesmo os funcionários que fizeram parte da história da escola se tornam tão importantes. Os estudos envolvendo a memória tanto individual quanto coletiva tornam-se uma via metodológica muito importante para o pesquisador.

A memória estimula e desafia a busca da hermenêutica, seja no plano da compreensão seja no da representação da realidade. A memória desafia o pesquisador para a explicação das relações hierárquicas e valorativas, quer entre as coisas, quer entre as pessoas. A memória de uma instituição é considerada um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais.

Relacionado à História das Instituições Escolares, a memória pode ser recuperada a partir de relatos escritos, de natureza biográfica e monográfica e a partir da tradição oral. A tradição oral é certamente uma via de informação estimulante para o debate e para o alargamento das problemáticas, na interface direta com a questão das representações anteriormente trabalhadas, mas que necessita de comprovação e de análise crítica apurada.

A representação na forma de discurso pode ser considerada como expressão ideológica, uma vez que é através dele que expressamos nossa visão de mundo, conferindo sentido às relações concretas entre os indivíduos e grupos sociais.

As representações coletivas, que são formas de organização do conhecimento da realidade, fornecem sistemas de valores indispensáveis para a vida dos grupos sociais na medida em que regulam a organização simbólica e inconsciente da realidade para todos os indivíduos de uma comunidade determinada.

Por meio da análise dos depoimentos de agentes de ensino, patronos de instituições, professores e alunos é possível identificar o discurso comum e mesmo os desentendimentos presentes no cotidiano de uma instituição educacional, de seu percurso histórico e das representações construídas sobre a escola.

O estudo das representações sociais pode ajudar na compreensão do processo de construção da realidade e como os discursos contêm em si estratégias de interesses determinados. No caso das instituições escolares, a apreensão do discurso predominante por meio do exame das falas particulares, é muito importante, pois na maioria das instituições brasileiras mais antigas, grande parte da documentação manuscrita e impressa perdeu-se, por isso o recurso da História Oral torna-se imprescindível, pois é com ela que se encontra a possibilidade de construir interpretações sobre o itinerário histórico das instituições escolares, conferindo-lhe assim uma identidade cultural e educacional.

²⁰ Ibid, p.17

2. O cenário educacional nacional e uberlandense (1929 - 1950)

2.1. A Expansão do Ensino na Região do Triângulo Mineiro

No período em que estava para eclodir a proclamação da República, o setor político nacional pedia por reformas urgentes. Assim, quando a República passou a reger o país tornou-se necessário discutir sobre a prática político-educacional, uma vez que não era possível trabalhar sem uma política que não estivesse centrada numa idéia de educação nacional.

Essa idéia de educação nacional foi formulada na Europa no início do século XIX. O Estado de Minas Gerais mostrou-se muito preocupado em transformar essa idéia em realidade. Dentro das atas da Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, é possível perceber a temática da democracia, a formação da civilidade, a modernização da educação, a formação do cidadão, a defesa da educação pública e obrigatória, a necessidade da moralização pública (civismo) e o conseqüente papel que cabe à educação sob o patrocínio do Estado²¹.

Na região do Triângulo Mineiro o ensino desponta com características de sistema privado até os anos quarenta. Além de o ensino privado ter chegado em primeiro lugar, ele destacou-se também por estar vinculado a um sistema de ensino confessional.

No processo de implantação de escolas na região do Triângulo Mineiro cabe destacar algumas, consideradas de suma importância para o desenvolvimento educacional da região. A primeira escola é da cidade de Uberaba, o Colégio Nossa Senhora das Dores, que foi fundado no ano de 1885 e que pertence à Congregação das Irmãs Dominicanas que vieram da França. Este colégio era dedicado exclusivamente à formação de moças. Somente a partir de 1973 é que as religiosas permitiram a matrícula de meninos, passando então a ter turmas mistas.

Ainda em Uberaba, foi fundado em 1903, pela congregação dos Irmãos Maristas, o Colégio Marista Diocesano. Este colégio ao contrário do Colégio Nossa Senhora das Dores era dedicado exclusivamente a meninos, e somente a partir de 1970 tornou-se uma escola mista de ensino.

Na cidade de Uberlândia a primeira instituição particular foi fundada em 1912, por iniciativa de Antonio Luiz da Silveira e chamava-se Ginásio de Uberabinha. Era uma escola que recebia alunos de toda a região e que precisou, mais tarde construir uma sede própria e maior, com o intuito de abrigar um maior número de alunos. Esta instituição funcionou em regime particular até janeiro de 1929, quando foi doada ao Estado, sem ônus para o governo, passando então a funcionar como escola pública sob o nome de Ginásio Mineiro de Uberabinha.

Deste modo, conclui-se que o que prevaleceu na região do Triângulo Mineiro até os anos quarenta foi o ensino particular, principalmente de caráter confessional, ressaltando assim a falta de interesse pelos assuntos educacionais por parte do Estado.

Pode-se perceber, a partir desses dados, a predominância do ensino privado em relação ao ensino público. O ensino privado na região prevaleceu por muito tempo, cerca de 23 anos, contando desde 1885 até 1908.

²¹ Décio GATTI JÚNIOR e outros, História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro, p.13.

Com o predomínio do ensino privado no Triângulo Mineiro, é possível perceber claramente que a formação educacional era destinada apenas à elite e que esse ensino obedecia a interesses particulares, especialmente àqueles vinculados ao ensino confessional.

Através dos dados abaixo é possível visualizar a expansão de escolas públicas e privadas fundadas na região da 39ª SRE (região de Uberaba) e da 40ª SRE (região de Uberlândia):

Tabela 1: Total de Escolas Públicas e Privadas Fundadas nas regiões das 39ª e 40ª SRE, por décadas.

DECADAS	39ª SRE			40ª SRE			TOTAL GERAL		
	Públicas	Privadas	Total	Públicas	Privadas	Total	Públicas	Privadas	Total
1880	-	1	1	-	-	-	-	1	1
1890	-	-	-	-	-	-	-	-	-
1900	-	1	1	1	-	1	1	1	2
1910	3	-	3	1	2	3	4	2	6
1920	2	1	3	2	3	5	4	4	8
1930	-	2	2	-	2	2	-	4	4
1940	16	-	16	3	1	4	19	1	20
1950	18	4	22	9	3	12	27	7	34
TOTAL	39	9	48	16	11	27	55	20	75

Fonte: Relatório de Pesquisa do NEPHE/FACED/UFU

Por meio dos dados apresentados no quadro acima percebe-se que a expansão das escolas públicas nesta região começou a despontar a partir de 1910 e 1920. A política das cidades da região teve grande importância para o desenvolvimento do ensino. Cabe aqui destacar que as cidades de maior importância política no passado eram Uberaba, Araxá e Araguari. Uberlândia só começou a se destacar a partir de 1960 como liderança econômica, devido à sua posição demográfica.

2.2 As Escolas de Uberlândia

Uberlândia está localizada na parte norte da região do Triângulo Mineiro. A cidade, antigamente denominada São Pedro de Uberabinha, foi criada pela Lei nº 602 de 21 de maio de 1852 dentro dos seguintes termos:

Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º - Fica criado o Distrito de Paz no lugar denominado São Pedro de Uberabinha, na paróquia e município de Uberaba.

Art. 2º - As divisas do novo distrito serão estabelecidas pelo governo, ouvida a Câmara Municipal respectiva.

Art. 3º - Ficam revogadas as disposições em contrário.

*Dr. José Lopes da Silva Viana - Vice Presidente de Minas Gerais*²².

²² Tito TEIXEIRA, Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central, p.24.

Ao tornar-se município autônomo, a cidade passou por uma série de melhorias e a sua urbanização correu em ritmo acelerado. Entre essas melhorias ocorridas no município cabe citar a criação da estrada de ferro, o telégrafo, o cinematógrafo no Teatro São Pedro e o sistema de água potável. Nesta época, a área da cidade girava em torno de 1.100 quilômetros quadrados e a sua população estava calculada em torno de 5.000 pessoas²⁴.

Em 13 de novembro de 1891, pela Lei nº 11 o distrito foi elevado à categoria de comarca de São Pedro de Uberabinha e, no ano seguinte, em 24 de maio de 1892, pela Lei nº 23, todas as vilas-sedes de comarcas foram elevadas à categoria de cidade. Com a elevação à categoria de cidade São Pedro de Uberabinha passou a ser conhecida apenas por Uberabinha. Nesta época a área global da cidade estava em torno de cinco quilômetros quadrados, com avenidas, uma rede de ruas bem alinhadas e muito bem tratadas. Possuía ainda praças e logradouros públicos em número de nove e belos jardins públicos muito bem cuidados. A população urbana da cidade girava em torno de seis mil habitantes²⁵.

Dentro do desenvolvimento da cidade de Uberabinha cabe destacar alguns fatos que muito contribuíram para o progresso da mesma. Cabe aqui citar a inauguração da Estação de Estrada de Ferro Mogiana em 21 de dezembro de 1895.

O primeiro jornal da cidade foi lançado em 17 de janeiro de 1897 com o título de *A Reforma*, sob a direção de seu próprio proprietário, Sr. João Luiz da Silva. Em 14 de novembro de 1899 foi inaugurado primeiro telégrafo da cidade, sob a direção local do telegrafista Luiz M. Nunes Filho.

Em 1º de janeiro de 1908 foi empossada a primeira diretoria da Santa Casa de Misericórdia, que foi criada por iniciativa do provedor eleito Custódio da Costa Pereira, do Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa e do Major José Gonçalves Valim Pirai.

A primeira ponte suspensa da cidade foi construída sobre o rio Paranaíba, ligando Minas Gerais a Goiás e foi inaugurada pelo governo federal em 15 de novembro de 1909.

A primeira casa de diversões da cidade foi inaugurada por Custódio da Costa Pereira, em 28 de novembro de 1909, com a denominação de Cine Teatro São Pedro.

O serviço de energia elétrica foi inaugurado em 24 de dezembro de 1909 com a denominação de Companhia Força e Luz de Uberabinha.

A Empresa Telefônica de Uberabinha foi inaugurada em 29 de novembro de 1910, quando a Câmara Municipal da cidade assinou um contrato de privilégio para exploração das vias telefônicas durante vinte e cinco anos, tendo como explorador o Sr. Carmindo Coelho.

Ainda em 1910, foi inaugurado o primeiro serviço de abastecimento de água potável, obra executada pelo então Presidente e Agente Executivo Municipal, o Major Alexandre Marquez.

Em visita à cidade de Uberabinha, o Presidente do Estado, Dr. Júlio Bueno Brandão, prometeu destinar verbas para a construção do primeiro grupo escolar, fato ocorrido em 5 de maio de 1911.

²⁴ Jerônimo ARANTES, *Corografia do Município de Uberlândia*, p.39.

²⁵ Pedro PEZZUTI, *Município de Uberabinha*, p.27.

A Companhia Mineira Auto Viação Intermunicipal em 12 de agosto de 1912 plantou o marco inicial para a construção da primeira auto-estrada da região. Em 1º de fevereiro de 1915, foi inaugurado, pelo Prof. Honório Guimarães, o Grupo Escolar Bueno Brandão.

Em 19 de outubro de 1929 a cidade de Uberabinha recebeu nova denominação, tendo passado a chamar-se Uberlândia. O antigo nome da cidade, São Pedro de Uberabinha, foi dado em homenagem a dois rios que cortavam a cidade, o Ribeirão São Pedro e o Rio Uberabinha. O atual nome Uberlândia vem do latim *Uber* que significa "fértil", e *land* do germânico que quer dizer "terra, país, cidade". Uberlândia quer dizer então "terra fértil".

A instrução na cidade de Uberlândia sempre foi uma preocupação de seus habitantes, principalmente por parte da família Carrejo. Por isso mesmo a primeira escola primária de Uberlândia foi instalada em 1835 por Felizberto Alves Carrejo em sua própria residência, na fazenda da Tenda, local denominado "Povoado dos Carrejos".

A partir de então iniciou-se aqui expansão escolar com a fundação da primeira escola provincial pública do distrito de São Pedro de Uberabinha que foi instalada, em 1860, pelos professores Antônio Maximiano Ferreira Pinto e D. Honorata Cândida de Paiva Pinto. A partir de então muitas outras instituições surgiram na cidade, cabendo destacar a seguir algumas delas.

O primeiro estabelecimento de ensino secundário da cidade foi o Colégio Uberabinhense, inaugurado em 5 de julho de 1897, e dirigido pelo professor Jerônimo Teotônio de Moraes. O Ginásio de Uberabinha foi instalado em 1912 sob a direção de Antonio Luiz da Silveira.

Em 1º de fevereiro de 1915 em uma grande solenidade foi instalado o Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão, que foi dirigido por Honório Guimarães de 1915 a 1920. A Escola Rui Barbosa também foi fundada no ano de 1915 e foi dirigida pela Professora Juvenília Ferreira dos Santos.

O Colégio Amor às Letras foi fundado em 1918 pelo professor Jerônimo Arantes e manteve-se em funcionamento até 1933. Ainda em 1924, foi criada a Associação Brasil Central de Educação e Cultura, mais conhecida como ABRACEC, que manteve-se em funcionamento até 1989.

O Liceu de Uberlândia foi fundado pelos professores Dr. Mário de Magalhães Porto e pelo Sr. Antonio Vieira Gonçalves, em 15 de janeiro de 1928, em regime de internato e externato. Em 1929, o Ginásio de Uberabinha foi estadualizado, por meio do Decreto nº 8958, de 03 de janeiro de 1929, tendo seu prédio sido doado ao Estado sem nenhum ônus, com a denominação de Ginásio Mineiro de Uberabinha. Anexo ao Liceu de Uberlândia foi criada e instalada a Academia de Comércio de Uberlândia, em 1931, sob a direção do Dr. Nelson Porto.

O Externato Santa Luzia e o Grupo Escolar Minas Gerais foram instalados em 1932. O Grupo Escolar foi criado pelo Presidente Antônio Carlos Ribeiro de Andrada e mais tarde passou a denominar-se Dr. Duarte, em homenagem ao primeiro magistrado da comarca o Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa.

Em 11 de fevereiro de 1932, o Colégio Nossa Senhora foi solenemente inaugurado. O interesse em fundar um colégio de caráter religioso era justamente por causa da concepção de espírito religioso que existia entre moradores da cidade. Assim, por insistência do Bispo Frei Luiz Maria de Santana, as missionárias de Jesus Crucificado, com ordem sediada em Campinas, vieram para Uberlândia para instalar nessa cidade um colégio de ensino religioso. As aulas do colégio iniciaram-se em 15 de fevereiro de 1932 com cinquenta alunos iniciantes distribuídos em três categorias: curso primário, de adaptação e jardim de infância. Em 15 de novembro de 1942, foi instalado, anexo ao Liceu, o Ginásio Osvaldo Cruz, que era dirigido pelos professores Dr. Luiz da Rocha e Silva, Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa e Henckmar Borges.

Nesse breve histórico sobre as instituições escolares é possível visualizar o processo de implantação das escolas na cidade de Uberlândia. Além disso, o quadro escolar demonstra o predomínio do ensino privado não só nesta cidade, mas também em outras da região do Triângulo Mineiro, pelo menos até os anos quarenta, demonstrando o descaso do Estado em relação a assuntos que dizem respeito à educação nessa região.

Porém, deve-se ressaltar a preocupação por parte daqueles que faziam parte da elite cultural da cidade de Uberlândia, pois para eles o desenvolvimento da cidade estava diretamente ligado à instrução. Desse modo, o intuito de se investir em educação era justamente o de preparar jovens que, no futuro, pudessem ser responsáveis pelo desenvolvimento e progresso da cidade de Uberlândia.

3. Representações Sociais da Escola Estadual de Uberlândia (1929-1950).

3.1. De Gynmásio de Uberabinha à Ginásio Mineiro de Uberlândia (1912-1929)

A criação do "Gymnásio Mineiro de Uberabinha" deve-se, entre outras coisas, à preocupação das elites locais com a expansão do ensino escolar na região, pois, diante do descaso que o governo do Estado de Minas Gerais demonstrava em relação à cidade, o que incluía a inexistência de um estabelecimento de ensino público até os anos 1930, havia necessidade de empreender esforços particulares rumo à escolarização.

A solução encontrada para esse problema foi a doação de prédios pela comunidade e incentivo às instituições particulares. Fato que ocorreu não só na cidade de Uberabinha, como também em outras cidades da região.

Em 1912, em Uberabinha, a discussão sobre a criação de um estabelecimento de ensino secundário, era um assunto que merecia destaque, pois o intuito era favorecer a expansão do setor educacional. Nesse sentido, artigo publicado no ano de 1912 pelo *Jornal O Progresso* enfatizava que a ignorância é a pior desgraça que pode vitimar uma população²⁶. Como resposta a esse tipo de assertiva é que, no mesmo ano, nascia o "Gymnásio de Uberabinha", instituição privada dirigida pelo Sr. Antonio Luiz da Silveira.

Naquela época, este estabelecimento de ensino oferecia o curso ginásial e comercial com um sistema de internato, semi internato e externato. Desde sua gênese, a escola se

²⁶ *Jornal "O Progresso"*, 10/08/1912. n° 251, p.01.

auto-nomeava como sendo um dos mais importantes estabelecimentos de ensino da cidade, conforme pode-se depreender do texto do anúncio publicado em jornal local e reproduzido a seguir:

*O Gymnásio de Uberabinha recebe meninos e meninas, preparando-os para a vida em uma das melhores academias do Paiz, que dispõe de um selecto corpo docente*²⁷.

Até então, a maior parte dos estabelecimentos de ensino particular funcionava em residências, espaço pouco adequado, pela falta de comodidade. O Ginásio de Uberabinha também iniciou suas atividades funcionando em espaço precário. Motivados então pela necessidade de superação dessa precariedade e pelo interesse em ganhar experiência na construção de prédios escolares, um grupo composto por personalidades de grande importância para a cidade, tais como Arlindo Teixeira, Tito Teixeira, José Nonato Ribeiro, Antonio Resende, Custódio Pereira, Carmo Gifoni e Clarimundo Carneiro reuniu-se para angariar fundos na cidade para construir uma sede própria para a escola, em um local onde se pudesse abrigar muitos estudantes durante várias gerações.

Em 1918, iniciou-se a construção e, em 1921, a obra estava concluída. Em seguida, os sócios da empresa construtora entregaram o novo prédio ao então diretor do Ginásio Mineiro o Sr. Antonio Luiz da Silveira. Já em 1922, a escola começou a funcionar na nova sede. A escola possuía, naquela época, uma área total de 4.030 m², sendo que o edifício construído ocupava uma área de 935 m², com área coberta de recreio de 209 m² e a área livre de edificação de 2.886m².²⁸

O novo prédio ficava localizado em uma região central, de forma que a construção em estilo neo-clássico era uma das principais da cidade e sua opulência visava demonstrar o prestígio e a respeitabilidade que a escola deveria usufruir no futuro. Em arquivos pesquisados na própria escola foi possível perceber a expansão quantitativa do número de alunos. Registros encontrados a partir de 1915 mostram o número de 34 alunos de ambos os sexos. Em 1916, foram registrados 88 alunos entre homens e mulheres. Em 1917, o ginásio contava então com 90 alunos também de ambos os sexos. Em 1928, foi encontrado um livro de matrículas onde estavam registrados 144 alunos, sendo a maioria do sexo masculino.

Nessa época, não havia exame de admissão. Para o aluno ingressar na escola bastava que sua família efetuasse sua matrícula, precisando, para tanto, que fosse apresentado apenas o comprovante de pagamento da taxas exigidas pelo ginásio, certidão de nascimento, atestado de saúde e atestado de conclusão do curso primário. Funcionando então em espaço amplo, passou a ter, inclusive, alguns anexos. A Escola de Comércio era um desses anexos. Os cursos oferecidos eram de Datilografia, Contabilidade e Taquigrafia, com duração de três anos.

No ano de 1924, a Escola de Comércio foi reconhecida pelo Governo Federal, por meio do Decreto nº 3.239, com habilitações de Guarda Livros e Contador. Essa

²⁷ Jornal "A Notícia", Órgão de publicação semanal. 13 de Outubro de 1918.

²⁸ Viviane Santana MENDES, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912-1929), p.59.

escola era filiada ao Instituto Comercial do Rio de Janeiro, sendo considerado um departamento do referido instituto, que fiscalizava os exames e conferia os diplomas aos alunos²⁹. Ainda em 1924, foi fundada outra instituição anexa, desta feita instalava-se a Escola Normal, sendo a mesma reconhecida e equiparada a Escola Normal Oficial por meio do Decreto nº 7.349 de 3 de Setembro de 1926. Esta escola funcionava, nesse período, sob a direção do professor José Inácio de Souza³⁰.

Houve, também, outra instituição funcionando anexo ao Ginásio, o Lyceu de Uberlândia, inaugurado em 1928 tendo como seus fundadores Antonio Vieira Gonçalves e Mario Porto. Este último ocupava, nessa época, o cargo de diretor do Lyceu.

Cabe ressaltar que os alunos matriculados no ginásio e em seus anexos eram filhos quase que exclusivamente de pessoas abastadas da cidade e da região, especialmente fazendeiros e comerciantes.

Quanto aos professores, eles eram nomeados após concurso, mas o reitor do estabelecimento organizava uma lista com nomes de candidatos habilitados, que eram enviados ao Presidente do Estado, que fazia então a nomeação dos professores por ordem de classificação.

Este estabelecimento de ensino, desde a sua fundação, foi considerado uma das mais importantes escolas da cidade, tendo chegado a ser classificada como escola "elitista", justamente por ser uma escola privada, que cobrava altas taxas de matrícula e por ter em seu quadro de alunos pessoas ligadas às famílias das altas rodas da sociedade uberlandense e região e por serem seus fundadores personalidades de grande influência política.

O Ginásio de Uberabinha funcionou como instituição privada até 1928, quando o então Senador Camilo Chaves tentou uma autorização junto ao Presidente do Estado, Antonio Carlos de Andrada, com a finalidade de regulamentação da existência da Escola Normal oficial em Uberabinha.

Porém, em função de uma antiga rivalidade com a cidade vizinha, Uberaba, que por meio da interferência dos representantes da referida cidade que integravam o parlamento, fizeram um protesto, conseguindo alterar o decreto presidencial, passando a criação da Escola Normal para Uberaba.

Em função desse desentendimento e por sugestão do próprio Presidente que, a partir de um esforço de conciliação política, no qual houve o empenho do Senador Camilo Chaves, foi criado, por meio do Decreto nº 8.958 de 3 de Janeiro de 1929, um estabelecimento de instrução secundária oficial, que deveria estar em acordo com o programa do internato do Ginásio Mineiro de Barbacena, conforme pode-se verificar no texto do referido decreto:

*Cria o Ginásio Mineiro de Uberabinha.
O Presidente do Estado de Minas Gerais, usando da
atribuição que lhe confere o art. 57 da constituição e dando*

²⁹ Viviane Santana Mendes, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia(1912-1929), p.67

³⁰ Ibid, p. 67.

execução a lei 1.052, de 25 de setembro de 1928 resolve:
Art. único - Fica criado na cidade de Uberabinha, um
estabelecimento de instrução secundária, organizado nos
moldes e de acordo com o programa do Internato do
Ginásio Mineiro de Barbacena.
1º - A matrícula do novo ginásio, verificar-se-á no período de
10 de abril, como dispõe o regulamento em vigor.
2º - Fica o Secretário do Interior autorizado a contratar os
respectivos professores e aprovar sobre o seu funcionamento,
podendo expedir instruções que se tornem necessárias.
Belo Horizonte, 3 de janeiro de 1929,
Antonio Carlos Ribeiro de Andrade³¹

Para agilizar a instalação do ginásio, a Sociedade Progresso de Uberabinha, resolveu, de comum acordo, doar o prédio ao Estado, sem qualquer ônus. Deste modo, no final do ano de 1929, a cidade de Uberabinha, que já havia mudado seu nome para Uberlândia, assistiu à mudança de designação do Ginásio Mineiro de Uberabinha que passou então a chamar-se Ginásio Mineiro de Uberlândia.

3.2. O Ginásio Mineiro de Uberlândia

O primeiro reitor deste estabelecimento de ensino, após sua estadualização, foi o Dr. Mario de Magalhães Porto que exercia, naquela época, o cargo de promotor de justiça da cidade. No início de 1928, fundou o Liceu de Uberabinha que, como já foi dito anteriormente, funcionava como anexo do Ginásio de Uberabinha. Além de atuar como reitor o Dr. Mario Porto, como era conhecido na cidade, também foi catedrático de História³².

Ainda em 1930, com a propaganda revolucionária, a cidade de Uberlândia esteve muito envolvida com os comandos de revolução que foi deflagrada no mês de outubro daquele mesmo ano. O Ginásio Mineiro foi utilizado como sede do quartel general das Forças Armadas Revolucionárias do Triângulo Mineiro, que era comandada pelo Senador Camilo Chaves e pelo Capitão do 5º Batalhão da Força Pública de Minas Gerais, o Sr. José Persilva.

As convocações eram feitas por edital os quais eram publicados no jornal conhecido como Diário da Revolução que circulava apenas na cidade de Uberlândia e trazia notícias políticas e acontecimentos importantes ligados ao nome de Getúlio Vargas.

Um dos editais publicados no referido jornal traz a seguinte convocação:

Commando Geral das Forças Revolucionárias no Triângulo
Mineiro em Uberlândia, aos 13 de Outubro de 1930.

³¹ Efemérides e Leis Memoráveis da História de Uberlândia (1810-1949) - Arquivo Público Municipal, p.18.

³² Viviane Santana Mendes, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912-1929), p.64.

Edital

Ficam pelo presente edital convocados todos os reservistas deste município para comparecerem no Commando Geral, no Edifício do Gynnásio sem perda de tempo, logo que tenham conhecimento do presente edital. A lista de reservistas está em poder do Commando Geral e serão considerados desertores e tratados como tal todos os que não comparecerem.

Dado e passado em Uberlândia, aos 13 de outubro de 1930

Camilo Chaves

(Comamandante Chefe)

Capitão Persilva

*Governador Militar*³¹

Além dos reservistas convocados, existia também um batalhão masculino composto por 50 voluntários, um batalhão feminino e um serviço médico. A função desse comando era proteger a cidade de Uberlândia, guardando suas pontes e fronteiras do Estado.

Esse jornal foi considerado um importante órgão de divulgação de notícias sobre a revolução e era administrado pelos professores Eurico Silva, José Aparecido Teixeira, Nelson Cupertino e Nelson Porto, todos professores do Ginásio. A sede do jornal "Diário da Revolução" era no próprio ginásio e possuía uma estação de rádio telegrafia, por meio da qual eram recebidos e deliberados os despachos do movimento em Uberlândia.

Esse foi um período de grande agitação na cidade que alterou por completo o seu cotidiano, uma vez que o Triângulo Mineiro estava entre Estados inimigos: São Paulo e Goiás³⁴. Como o ginásio estava sendo usado como sede do comando geral, as atividades acadêmicas neste estabelecimento de ensino foram suspensas, o que acabou prejudicando o calendário acadêmico. Devido à ocorrência deste fato o Grêmio Literário publicou a seguinte nota no Diário da Revolução:

*[...] solidários com o movimento da classe estudantina, os alunos do Gynnásio Mineiro de Uberlândia vem a todos respeitadamente rogar a vossencia afim do Governo Provisório conceder este anno promoção dos cursos sujeitos ao Poder Federal mediante médias e frequências..., em virtude do prédio ser requisitado para QG..., foram as aulas suspensas durante um mez [...]*³⁵.

As atividades acadêmicas do ginásio foram reiniciadas somente em 1931, voltando então a sua normalidade. Nos anos trinta, o Ginásio Mineiro ganhou considerável renome chegando a suplantar grandes centros de ensino pelo seu método

³¹ Diário da Revolução, nº5, 11/10/30 p.3.

³⁴ Viviane Santana MENDI'S, História e Memória: A Escola Estadual de Uberlândia (1912 - 1929), p.70.

³⁵ Sobre os Exames no Gynnásio Mineiro, Grêmio Cívico Literário, Diário da Revolução, 15/11/30, nº 35, p. 02.

prático e teórico de ensinar. Por isso os estudantes do ginásio valorizavam tanto a pessoa de seu diretor, Mário de Magalhães Porto. Segundo os estudantes, esse dirigente demonstrava um alto grau de superioridade e cujo espírito idealista integrava o dever único de instruir³⁰.

O reitor permaneceu na direção deste estabelecimento de ensino durante cinco anos, no período de 1929 a 1934, tendo conseguido, conforme os depoimentos da época, levantar ainda mais o nome do Ginásio e enaltecer a cidade por meio de seus alunos. No quadro a seguir estão apresentados os diretores da escola no período enfocado nesta pesquisa:

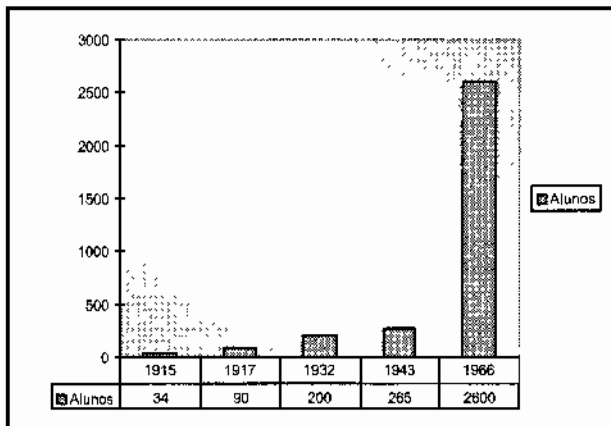
Quadro 1 - Relação dos Diretores da Escola Estadual Uberlândia (1929-1968)

Nome	Período
Mário de Magalhães Porto(1929-1934)	(1929-1934)
Aniceto Maccheroni(1935)	(1935)
Luiz da Rocha e Silva(1935-1937)	(1935-1937)
João Gonzaga de Siqueira(1937-1939)	(1937-1939)
Oswaldo Vieira Gonçalves(1939-1968)	(1939-1968)

Fonte: *Acervo da Escola Estadual Uberlândia.*

No período compreendido entre os anos de 1929 a 1950 é notável o número crescente de alunos que procurou a escola para realizar seus estudos secundários, conforme pode-se observar no gráfico exposto a seguir:

Gráfico 1 - Evolução Quantitativa do Número de Alunos da Escola Estadual de Uberlândia (1915-1966)



Fonte: *Acervo da Escola Estadual Uberlândia*

³⁰ Ibidem, 07/06/1934, exemplar 002, p.4.

Ao lado desse crescimento quantitativo pode-se afirmar que houve a consolidação de uma imagem positiva da escola, no que diz respeito à sua qualidade, pois, por meio sobretudo da divulgação efetivada por seus egressos, muitos alunos de fora passaram a procurá-la para efetivarem seus estudos.

De modo geral, os egressos e ex-professores, afirmam que a escola sempre se preocupou com a formação de um cidadão com noções de respeito, de disciplina, mas, principalmente preocupada em transmitir uma cultura, um saber, uma vez que "um homem sem cultura seria um homem sem alma" e, por esse motivo, a escola contribuiu sobremaneira para que seus egressos se tornassem políticos, médicos, artistas e empresários reconhecidos e consolidados em suas profissões.

3.3. Representações Discentes e Docentes

O período de 1929 a 1950 foi muito rico para o Ginásio Mineiro de Uberlândia, pois o Ginásio foi palco dos acontecimentos sociais, uma vez que a cidade ainda não possuía uma sede para seus acontecimentos dessa natureza.

Dr. Rondon Pacheco, ex-aluno do Ginásio entre 1931 e 1935, afirmou, em seu depoimento, que a participação nos eventos promovidos pela escola era total. Segundo ele: *Os alunos participavam muito das festividades, havia uma integração muito grande e eram muito unidos*³⁷.

Os feriados cívicos eram rigorosamente comemorados pela escola, com destaque para o 13 de maio, o 21 de abril, o 7 de setembro e o 15 de novembro, ocorrendo participação massiva dos alunos. A Independência do Brasil, por exemplo, era comemorada com uma grande parada, cujo desfile ocorria nas principais ruas da cidade. Desta festividade participavam os alunos do Ginásio e os de outras escolas que ajudavam a organizá-la. Os alunos participavam usando o uniforme da escola, um uniforme de "brim caqui que possuía um talabar, tinha umas correias de couro, o uniforme lembrava uma farda militar". Segundo o Dr. Francisco Humberto, aluno do Ginásio nos anos cinquenta, o uniforme era motivo de muito orgulho. A escola possuía uma fanfarra que nas grandes comemorações cívicas ia à frente dos alunos comandando o desfile da escola. O Dr. Francisco Humberto lembra ainda que também participavam dos desfiles os integrantes do Tiro de Guerra e do 36º Batalhão de Infantaria.

Além de todos esses eventos o ginásio promovia ainda a apresentação de peças teatrais. Segundo Maria Oranides Crosara, aluna do Ginásio entre 1937 e 1942, pertencente a uma família tradicional da cidade de Uberlândia, outras peças de teatro eram representadas na escola, contando com textos de autores como Shakespeare, entre outros. Ressaltou que essas atividades sempre contavam com grande participação tanto dos alunos quanto dos professores, sendo que membros desses dois grupos ajudavam na montagem das peças.

A prática esportiva também foi algo muito marcante na vida dos ex-alunos da escola. Havia as olimpíadas estudantis, evento que mobilizava toda a escola. A disputa com outras escolas era muito acirrada, em esportes como voleibol, basquetebol e futebol. Os

³⁷ Depoimento concedido à pesquisadora.

jogos acabavam por envolver também a cidade, pois os locais onde as disputas eram realizadas ficavam lotados de alunos e de pessoas comuns da cidade.

Como se pode perceber havia uma relação muito próxima entre o Ginásio e a cidade. Era uma época diferente, divaga o Dr. Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo, ex-Secretário de Educação de Uberlândia e que estudou na escola entre 1948 e 1953. Para ele,

Uberlândia, no final dos anos 40 início dos anos 50, ainda era uma cidade pequena, onde as ruas eram de paralelepípedos e as pessoas podiam sentar-se com tranqüilidade à porta de sua casa no final da tarde³⁰.

O Ginásio, desde a sua fundação, sempre esteve presente na vida da cidade. Apelidado de "Museu", provavelmente pela imponência de seu prédio, com sua arquitetura eclética, formou diversos alunos que seriam dirigentes dos setores público e privado responsáveis pelo desenvolvimento da cidade, conforme pode-se verificar no quadro exposto a seguir:

Quadro 2 - Personalidades de Uberlândia e Região que estudaram na Escola Estadual Uberlândia

Aluno	Atividade Exercida em 2001
Adib Jatene	Médico/Ex-Ministro da Saúde
Alfredo Resende	Empresário
Ataulfo Marques M. da Costa	Ex-Reitor da UFU (2 gestões)
Darlan Rosa	Artista Plástico
Francisco Humberto	Ex-Vice Prefeito de Uberlândia
Gladstone Rodrigues	Médico/Ex-Reitor da UFU (2 gestões)
Hélvio Lima	Pintor
Homero Santos	Ministro do TCU
Luiz Garcia	Empresário
Mauro Mendonça	Ator
Moacir Franco	Cantor e Ator
Odelmo Leão Carneiro	Deputado Federal
Paulo Ferolla	Ex-Prefeito e ex-Vice Prefeito de Uberlândia
Raul Belém	Deputado Federal
Zaire Resende	Deputado Federal e Prefeito de Uberlândia
Renato de Freitas	Ex-Prefeito de Uberlândia
Afrânio Marciliano de Freitas Azevedo	Ex-Secretário de Educação de Uberlândia
Rondon Pacheco	Ex-Deputado Federal e Estadual, Ex-Governador de Minas Gerais Ex-Ministro da Casa Civil no Governo Costa e Silva

Fonte: Associação de Ex-Alunos da Escola Estadual de Uberlândia - ASES

³⁰ Depoimento concedido à pesquisadora.

Evidentemente que uma lista como essa se coaduna com texto publicado no jornal *O Correio*, em 1948, com o título de *Colégio Estadual de Uberlândia, viveiro de cidadãos dos quais se orgulha a sociedade*, no qual era enfatizado o fato da escola ser uma grande casa de ensino³⁹.

De fato, nenhum outro estabelecimento de ensino da cidade teve a oportunidade de somar entre seus egressos, personalidades que teriam no futuro tanta visibilidade pública de destaque social. Nesse sentido, a imagem do colégio fixou-se como uma instituição elitista, justamente por ter abrigado em seus bancos escolares filhos de personalidades ilustres da cidade e de pessoas que só vieram a ter destaque depois de saírem da escola como foi o caso de Moacyr Franco que era filho de caminhoneiro e hoje é muito conhecido no meio artístico.

Adib Jatene que foi Ministro da Saúde e é um médico muito conceituado e conhecido em todo Brasil, era filho de Dona Nice, uma senhora que possuía uma loja de armarinhos e que segundo o Dr. Duarte Ulhôa Portilho, não tinham nada além disso e chegando muitas vezes a viver na penúria⁴⁰.

O regime disciplinar da escola também fez tradição, pois sempre foi considerado muito rígido. O acompanhamento dos alunos era feito bem de perto, por isso aquele que faltasse muito às aulas era logo investigado e a direção da escola entrava em contato com seus pais.

Mauro Mendonça que atualmente é ator reconhecido em todo país, estudou no Ginásio no período de 1948 a 1950, considerava que *era um regime sério, quase rigoroso. Era o espelho de seu diretor, Osvaldo Vieira Gonçalves*⁴¹.

O Sr. Virgílio Galassi, importante político da cidade de Uberlândia, estudou no Ginásio nos anos 1940. Para ele, *A disciplina era mais forte, era mais exigente do que hoje. Claro que uma disciplina séria, mas sem violência. Mas havia uma disciplina, havia um respeito muito grande*⁴². Muitos dos ex-alunos disseram que apesar da disciplina rígida, esse fator foi muito importante para o seu crescimento individual, uma vez que no decorrer de suas vidas essa disciplina se fez necessária.

O Ginásio Mineiro de Uberlândia, segundo os entrevistados, os fez aprender a respeitar e serem respeitados; ensinou-os a serem bons cidadãos e a compreender que a vida é construída com base na disciplina.

Esses mesmos ex-alunos entrevistados consideraram que no período em que estavam no Ginásio, os conteúdos de ensino aplicados eram muito ricos, havendo muitas disciplinas, tais como Desenho, Matemática, História, Ciências, Geografia, Francês, Inglês, Latim, Português, Química, Física, Educação Física e Canto. Em linhas gerais os conteúdos de ensino, segundo seus egressos, eram muito bons. Todos avaliaram que seus professores tinham grande qualidade, porém, os entrevistados afirmaram a existência de diferenças quanto à simpatia de cada um dos professores.

³⁹ Oscar Gomide, Colégio Estadual de Uberlândia, viveiro de cidadãos, dos quais se orgulha a sociedade, Jornal *O Correio*, 29/03/48, nº 2.370, p.3.

⁴⁰ Núcleo de História e Historiografia da Educação - Depoimento concedido a Carlos Henrique de Carvalho em 13/05/99, p.8.

⁴¹ Depoimento concedido a pesquisadora.

⁴² Depoimento concedido à pesquisadora.

As relações estabelecidas entre professores e alunos, segundo depoimentos eram cordiais, mas esse relacionamento era baseado em relações de respeito e não de relações afiliativas, tão comum nas escolas de hoje. É possível afirmar, por meio do exame dos depoimentos que, naquela época, não havia muita intimidade entre professores e alunos.

Dr. Paulo Ferola afirmou ainda que:

Os alunos respeitavam muito os professores e chegavam até a adorar alguns deles, porque sentiam a importância da abnegação, da dedicação, do interesse do professor em estar ajudando o crescimento do aluno. Mas o professor resguardava-se numa posição de muito respeito. A coisa mais difícil era um aluno dizer qualquer palavra de intimidade ou de brincadeira maior, ou até de agressão ou desobediência ao professor. E se ele fizesse era recriminado até pelos colegas.⁴³

Nos depoimentos dos ex-alunos foi possível verificar o tratamento conferido por seus professores ao Ginásio, ou seja, qual a imagem que os professores veiculavam em suas falas sobre a instituição em que trabalhavam. Para eles, seus professores manifestavam grande apreço pelo Ginásio. Homero Santos, Ex-Ministro do Tribunal de Contas da União, estudou no Ginásio em meados dos anos quarenta, afirmou, em seu depoimento, que *os professores demonstravam muito apreço pela escola e se dedicavam muito a ela.*⁴⁴

Segundo depoimento do Dr. Francisco Humberto, ex-Vice Prefeito de Uberlândia e que estudou no Colégio, a visão dos professores em relação à escola era de preservação, de proteção, de manutenção do melhor ensino da cidade.

Em contrapartida, percebe-se nos depoimentos dos alunos que a visão a respeito de seus mestres é a melhor possível. Segundo o Dr. Zaire Rezende, atual prefeito de Uberlândia e que estudou na escola entre 1941 e 1947, a visão que ele tem sobre seus antigos mestres é muito positiva, pois eles o ajudaram muito no decorrer de sua vida, foram influências muito boas que o fizeram ser um homem de destaque.⁴⁵

Perguntados sobre os inspetores que passaram pela escola poucos ex-alunos se recordam de nomes ou das funções por eles desempenhadas. Porém, o Dr. Rondon Pacheco realizou o seguinte comentário em seu depoimento:

Lembro-me dos inspetores, que não eram daqui. Eu lembro-me que o inspetor do nosso Ginásio era o Montandon, ele era de Araxá. O Sr. Montandon tinha muito apreço e preocupação em projetar o ginásio no contexto educacional do Estado.⁴⁶

⁴³ Depoimento concedido a pesquisadora.

⁴⁴ Depoimento concedido a pesquisadora.

⁴⁵ Depoimento concedido a pesquisadora.

⁴⁶ Depoimento concedido a pesquisadora.

O Dr. Virgílio Galassi também tem uma vaga lembrança dos inspetores:

Não tenho uma lembrança nítida, específica. Acho que os inspetores eram bons. Acredito que os inspetores também gostavam da escola e tinham seriedade suficiente para cobrar aquilo que podiam cobrar⁴⁷.

Com relação à direção da escola todos têm boas recordações de seu diretor, que no caso do período pesquisado foi o Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves, conhecido como Professor Vadico, e foi quem ficou mais tempo na direção desse estabelecimento de ensino, no período de 1939 a 1968.

O Professor Vadico dirigiu o colégio por vinte e nove anos. Apesar de ele não ser uberlândense, acabou radicando-se nesta cidade. Nascido em Paracatu, veio para Uberlândia em 1906 com apenas dois anos de idade. Segundo relato pessoal,

[...] desde a Uberabinha dos primeiros tempos, até a portentosa cidade que é hoje e que se caracteriza como um dos centros mais notáveis do país, seja em seu sentido econômico, social e cultural, em qualquer que seja seu aspecto. Incontestavelmente, Uberlândia é hoje um dos principais centros do Brasil. Eu me orgulho com isto, porque eu vi a cidade crescer de uma simples aldeia ao que é hoje⁴⁸.

Inicialmente, o Professor Vadico trabalhava na Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, fiscalizando colégios. Cansado de viajar, fez uma solicitação ao Secretário que desejava ir embora, mas somente quando vagasse algum cargo no antigo Ginásio Mineiro. Em 1937, vagou uma cadeira de Literatura e Português. Em 1939, ele assumiu as cadeiras de Literatura Portuguesa e Brasileira, sendo designado também para a reitoria desse estabelecimento.

Essa personalidade tão importante para a escola sempre foi tida como uma pessoa muito séria e rigorosa, mas também muito justa e preocupada com o desempenho de seus alunos. Segundo seus contemporâneos, era um homem muito culto e que se dedicou integralmente ao Colégio Estadual de Uberlândia.

Segundo seu relato, ele nunca deixou que a classe política interferisse na escola. O corpo docente era escolhido por ele, pois não havia concurso. *Trabalhavam na escola profissionais liberais como médicos, farmacêuticos, advogados, engenheiros, pois, naquela época, não havia cursos especializados na área educacional, como pedagogia, por exemplo. Mas, apesar disso, os professores eram considerados excelentes e de uma competência muito grande⁴⁹.*

⁴⁷ Depoimento concedido a pesquisadora.

⁴⁸ Parte da entrevista concedida pelo Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves ao Projeto Depoimentos vinculado a Divisão de Patrimônio Histórico e Memória do Arquivo Público Municipal, em 25 de janeiro de 1990.

⁴⁹ Parte da entrevista concedida pelo Sr. Osvaldo Vieira Gonçalves ao Projeto Depoimentos vinculado a Divisão de Patrimônio Histórico e Memória do Arquivo Público Municipal, em 25 de janeiro de 1990.

Os alunos daquela época, segundo o Professor Vadico, eram muito dedicados, eram mais atenciosos e mais obedientes. E tinham consciência da necessidade de se estudar e de se tornarem cidadãos respeitáveis.

Enfim, ele orgulhava-se de sua escola, de seus professores e de seus alunos, destacando que *o ensino da escola era rígido e sério e sempre mereceu destaque em jornais e revistas de época*. Seus alunos ajudaram a construir e elevar ainda mais o nome dessa escola, uma vez que quando prestavam exame para as escolas de ensino superior podia-se ver o nome de alunos desse estabelecimento de ensino sempre ocupando os primeiros lugares da lista.⁵⁰

O Professor Vadico afirmou que:

*Dizem que eu era um pouco exigente, mais o fato é o seguinte: minha satisfação é muito grande por verificar que todos aqueles que passaram por mim ali, todos aqueles alunos deram gente*⁵¹.

Todos aqueles que se dispuseram a falar a respeito dessa escola, não deixaram de lembrar com muito saudosismo de seu diretor, que apesar de austero, era uma pessoa muito respeitada e admirada pelos seus alunos.

Dentre os egressos entrevistados somente o Dr. Rondon Pacheco foi aluno da escola nos anos 1930 na gestão de outro diretor, o Dr. Mário de Magalhães Porto. O Professor Vadico além de ficar mais tempo na direção do ginásio também chegou a morar lá. Ocupava o terceiro andar do ginásio, ele e sua família, sendo que todos seus filhos também estudaram na escola.

Houve concordância dos ex-alunos em afirmar que, apesar da postura séria, o Professor Vadico sempre teve um bom relacionamento com seus alunos, mantendo, evidentemente, uma certa distância, ou seja, não havia intimidade entre diretor e aluno e sim uma relação de muito respeito.

Segundo os ex-alunos o Professor Vadico era muito rigoroso com relação à escola, mas também muito justo. O Dr. Homero Santos considerou, em seu depoimento, que o Prof. Vadico *era um verdadeiro sacerdote, tamanha sua dedicação*⁵².

Moacir Franco, cantor e ator bastante conhecido em todo país e que estudou no Ginásio em meados dos anos quarenta, relatou, em seu depoimento, as seguintes lembranças do Professor Vadico. Para ele,

*Era a família Imperial que morava no terceiro andar, nunca usei subir lá, ou dizer parabéns a você no aniversário da princesa. Mas eram gente boa*⁵³.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Depoimento concedido à pesquisadora.

⁵³ Depoimento concedido à pesquisadora.

O Sr. Luís Alberto Garcia, empresário de visibilidade internacional e que estudou no Colégio em meados dos anos 1940, afirmou, em seu depoimento, que o Professor Vadico era uma presença muito forte e muito marcante. Na época, a impressão que ele tinha era a de que a escola era do professor Vadico e não do Estado⁵⁴.

É possível perceber que não se pode falar do Colégio Estadual de Uberlândia, sem mencionar o Professor Osvaldo Vieira Gonçalves, pois, segundo os ex-alunos do Colégio, a escola recebeu a marca dele. Paulo Ferolla enfatizou que o Professor Vadico:

[...] tinha uma visão de uma grandeza muito grande. Eu tinha certeza que ele exercia o cargo dele como uma missão na vida dele, uma missão de formar uma juventude que representava o futuro de nosso país. Então isso para ele era uma missão muito nobre e ele procurava exercer tudo isso com muita competência, com muito amor e com muito idealismo. E ele tinha vocação para essa missão⁵⁵.

Como se pode perceber o Professor Osvaldo Vieira Gonçalves deixou marcas importantes na escola e naqueles que por ali passaram. Todos falam de sua rigidez, de sua disciplina, mas é interessante observar que o fazem sempre revelando uma certa admiração.

Com relação ao corpo docente da escola foi muito difícil estabelecer algum contato, pois uma grande maioria já é falecida e os ex-professores que se encontram vivos não se dispuseram a dar entrevista alegando motivos de saúde ou alguma indisponibilidade de tempo.

Mesmo assim, por meio do depoimento do Professor Celso Correa dos Santos, que foi professor no final dos anos cinquenta e posteriormente diretor da escola, foi possível conhecer um pouco de desempenho do corpo docente daquela época, pelo fato de ter conhecido muitos desses ex-professores.

O Professor Celso Correa relatou, em seu depoimento que, naquela época, não havia concurso para contratação dos professores, sendo muitos deles convidados a lecionar pelo seu notório saber. Afirmou também se tratarem de pessoas com o maior nível cultural da região. Apenas em 1962, 1963 é que começaram a surgir os primeiros concursos.

A relação estabelecida entre a comunidade e a escola, segundo ele, também era muito boa:

Os professores, naquela época, eram pessoas muito bem situadas na comunidade e por isso mesmo eram bastante respeitados e convidados para diversas solenidades que aconteciam fora da escola. Muitas vezes eram convidados a dar pareceres sobre um fato, eram convidados para publicar artigos em jornais. Enfim, eles possuíam uma posição de destaque dentro da comunidade e eram muito queridos e respeitados.⁵⁶

⁵⁴ Depoimento concedido à pesquisadora.

⁵⁵ Depoimento concedido à pesquisadora.

⁵⁶ Depoimento concedido à pesquisadora.

O Professor Celso Correa conheceu e conviveu com muitos professores que fizeram parte do corpo docente na época coberta por essa investigação. Entre eles cabe destacar os seguintes: Nelson Cupertino, Luiz Rocha e Silva, Osvaldo Vieira Gonçalves, Duarte Pimentel de Ulhôa, entre outros.

As relações estabelecidas entre professores e alunos, segundo o depoente, também eram muito boas, baseadas em muito respeito e sempre obedecendo a uma hierarquia. O Professor Celso acredita que a disciplina imposta, o respeito adquirido e rigor de seus professores fizeram com que o então Colégio Estadual de Uberlândia fosse conhecido como um dos melhores colégios do Estado.

Corroborando esta assertiva estava o fato de que muitos alunos egressos do Colégio chegaram à aprovação já no primeiro exame para o ingresso no Ensino Superior. A aprovação de um aluno do colégio para o Ensino Superior era motivo para comemoração.

As datas cívicas eram também muito comemoradas. Geralmente começavam com o hasteamento da bandeira nacional e bandeira do Estado de Minas Gerais. Depois, os alunos saíam da escola e iam para as ruas fazendo um desfile com a participação da fanfarra da escola. Essa fanfarra ficava meses ensaiando para as festividades cívicas. O desfile normalmente acontecia na Avenida Afonso Pena. Eram muito comemoradas as datas cívicas da Inconfidência Mineira, o Sete de Setembro e o Quinze de Novembro.

Algumas datas eram comemoradas com representação dramática, os alunos montavam e ensaiavam as peças com a ajuda de professores e a apresentação era feita no próprio colégio.

No colégio, segundo o Professor Celso Correa, havia ainda uma professora de canto, *a conhecida e saudosa Dona Alfredina Alvim Rezende que se dedicava demais nessa época de festividades*.⁵⁷ Houve uma época em que ela ajudou a compor um hino em homenagem ao Colégio. O Professor Celso Correa lembrou-se, durante seu depoimento de um dos trechos da letra do mesmo, [...] *companheiro sempre avante na busca do saber* [...].⁵⁸ Pare ele, os alunos do Colégio tinham verdadeiro orgulho de cantar esse Hino que aos poucos passou a fazer parte de todas as comemorações realizadas na escola.

O Professor Celso Correa ressaltou que os alunos participavam de todos os eventos promovidos pela escola e que participavam porque gostavam, *amavam a sua escola*. Até hoje aqueles que viveram naquela época ainda têm saudades do *Museu*.

Exemplo disso, é a existência da Associação de Ex-Alunos da Escola Estadual de Uberlândia - ASES que é composta por ex-alunos daquele período, até hoje eles falam com entusiasmo do colégio, são pessoas vibrantes que até hoje amam essa escola.

Um outro fator interessante da época relatada pelo Professor Celso era a questão da participação na gestão da escola. Os professores participavam das questões relacionadas à escola. É claro que o diretor tinha uma posição de administrador escolar geral, mas os professores participavam com idéias, com ações.

⁵⁷ Depoimento concedido à pesquisadora.

⁵⁸ Depoimento concedido à pesquisadora.

Naquela época havia uma congregação composta por professores, que participavam das várias diretrizes da escola e se a congregação determinava uma conduta, essa conduta era seguida pelo diretor. Havia opiniões separadas que também eram ouvidas, mas a decisão era tomada sempre em conjunto congregação e diretor.⁵⁹

Percebe-se, desse modo, a importância do trabalho desenvolvido naquela época por seus professores. Segundo o depoente, os professores do Colégio daquela época eram pessoas notáveis, muito valorizados pela comunidade, e eram equiparados a um prefeito, um juiz, um promotor. Eram convidados para receber autoridades estaduais e federais. O Professor Celso Correa afirma que:

Eles ditavam as regras de educação da cidade, mas não só da educação, também regras mais gerais da própria comunidade. Na Escola Estadual de Uberlândia daquela época você podia encontrar o cerne da cultura da cidade de Uberlândia. Eles eram, vamos dizer assim, o que havia de mais importante na cidade.⁶⁰

Na fala do Prof. Celso Correa, pode-se perceber bastante semelhança com aquela apresentada pelos alunos na qual o exercício da docência realizava-se, naquela época, com muita dedicação, porque os professores tinham amor pelo que faziam. Havia a idéia de que a escola era de fato um *Templo do Saber*, segundo relato do Professor Celso.

Para ele, a representação que a comunidade fazia da escola era a de que ali estava concentrado todo saber e cultura de uma cidade.⁶¹ A escola realmente era um marco no desenvolvimento da cidade de Uberlândia. O Professor Celso Correa afirmou que o Colégio Estadual de Uberlândia, naquela época, exercia um papel como o exercido atualmente pela Universidade Federal de Uberlândia, ou seja, representava o ideário de excelência no ensino.

Após percorrer o itinerário de busca e compreensão das representações sociais presentes nos discursos de sujeitos envolvidos com a escola, fonte que se revelou extremamente satisfatória nesta investigação, pôde-se perceber a centralidade que a escola possuía, seja no aspecto cultural seja na legitimação da posição social que os egressos dessa instituição de ensino iriam ocupar na cidade.

Considerações Finais

Após percorrer o campo teórico das representações sociais, apresentar o cenário educacional de Uberlândia no período de 1929 a 1950 e expor o conteúdo dos discursos sobre a Escola Estadual de Uberlândia presentes no meio social da época, tentar-se-á,

⁵⁹ Depoimento concedido à pesquisadora.

⁶⁰ Depoimento concedido à pesquisadora.

⁶¹ Depoimento concedido à pesquisadora.

nestas considerações, apreender os principais elementos presentes nas representações sociais construídas e veiculadas acerca da Escola Estadual Uberlândia no período compreendido por esta investigação.

É importante ressaltar a utilidade do estudo sobre representações sociais na compreensão das instituições educacionais, por meio da percepção da forma como as falas foram se organizando, legitimando o *status quo* dos egressos de escolas formadoras de elites culturais e políticas. Este tipo de análise permite compreender como persiste no meio social a imagem de uma escola central no desenvolvimento de uma localidade ou região.

Sem dúvida, o cenário educacional uberlandense refletia o contexto nacional e, sobretudo, no período enfocado, o ideário do Estado Novo, no qual as idéias de Nação, Ordem, Disciplina e Centralização povoavam as mentalidades de dirigentes e, de maneira diferenciada, eram divulgadas e apropriadas junto à sociedade.

O grande papel assumido pela escola no período enfocado, evidenciada pela própria edificação destinada às atividades escolares, demonstrava o lugar social reservado para aqueles que estivessem dispostos a aceitar as normas, restrições e obrigações escolares.

Ao examinar os discursos manifestados nos depoimentos percebe-se que a escola assumiu um papel nuclear na cidade de Uberlândia, tornando-se, simultaneamente, pólo cívico, cultural e esportivo.

A coordenação das atividades de comemorações cívicas oficiais, com destaque para o advento da Independência e da Proclamação da República, deixa clara a valorização social dada aos movimentos coordenados pelas elites dirigentes, legitimando e justificando os arranjos políticos de então.

Ao oferecer para seus alunos e comunidade atrações culturais e eventos esportivos, obviamente, vinculados aos ideais de ordem e civismo, a escola supria carências importantes da cidade, tornando-se *locus* privilegiado para a divulgação da cultura legítima e dos esportes, com suas regras e normas, que inspiravam e modelavam os comportamentos sociais esperados para o cidadão ordeiro e nacionalista.

A escola, por seu turno, significou uma evolução, não só pelo espaço físico disponível ao saber, mas também pela organização curricular e de conteúdos, com a entrada de livros etc., conferindo à cidade uma oportunidade real de incremento educacional e cultural, por meio da possibilidade de socialização de conhecimentos.

Os relatos sobre metodologias de ensino empregadas pelos professores e normatizadas pela escola, como poder perceber, revelaram vinculação com práticas pedagógicas tradicionais, nas quais professores transmitiam conhecimentos a serem memorizados pelos alunos.

Nesse sentido, é importante assinalar que o sistema de avaliação incluía basicamente as provas escritas, durante o ano letivo, e provas orais, ao final das aulas, demonstrando vinculação a práticas pedagógicas conservadoras e distanciamento das propostas advindas da Escola Nova.

Quanto à idéia de qualidade da escola, presente na maior parte dos depoimentos e nas notícias divulgadas pela imprensa local, pôde-se perceber que o conteúdo que justifica esta idéia relaciona-se, sobretudo, à disciplina rígida imposta pela escola e por seus professores, pela erudição dos docentes e pela aprovação nos concursos

vestibulares para ingresso na Educação Superior.

Novamente, há uma distância entre o que se percebe como qualidade e aquilo que o ideário pedagógico reformador está a propagar. Sem dúvida a presença marcante ainda é a do Estado-Novo. Por outro lado, há a idéia propagada por diversos alunos no período, de que os professores eram excelentes por sua vocação ao magistério, comparando-os, inclusive, a sacerdotes. Neste caso, é interessante observar a permanência de um discurso metafísico em relação à profissão docente, herança do período medieval europeu, em detrimento à visão propalada, no Brasil, desde os anos 1930, de que o exercício do magistério estaria vinculado ao conjunto de aptidões dos profissionais a ele dedicados.

Por vezes, o distanciamento do período obscurece seus contornos específicos, mas, no período enfocado nesta investigação e, sobretudo, devido à localidade enfocada, o ensino secundário era um nível educacional muito alto, para o qual convergiam professores e alunos os mais capacitados. Por esse motivo, é interessante perceber o quanto essa elite cultural estava desconectada do ideário pedagógico escolanovista e vinculada ao pensamento nacionalista e conservador.

Outra dimensão perceptível das práticas pedagógicas relatadas é a atitude difícil tomada em relação à co-educação, tema tão freqüente nas discussões pedagógicas dos anos 1930 e, espantosamente, reavivada na atualidade.

Enfim, pode-se perceber, após o exame destas considerações que a Escola Estadual de Uberlândia firmou sua imagem de qualidade calcada em um ideário pedagógico e político conservador, no qual, ordem, centralização, disciplina, memorização, civismo e nacionalismo deram o tom e o compasso.

A percepção dessa situação não diminui sua importância no cenário local e regional da Escola Estadual Uberlândia, pois nela foram formadas centenas de cidadãos no período enfocado dentre os quais diversos dirigentes do setor público e privado local, regional e mesmo nacional.

Referências Bibliográficas

ARANTES, Jerônimo. *Corografia do Município de Uberlândia*. Uberlândia, Editora da Pavan, 1938.

ARANTES, Jerônimo. *Efemérides e Leis Memoráveis de Uberlândia (1810 - 1940)*. Uberlândia, Editora da Pavan, 1942.

_____. *Memórias Históricas de Uberlândia*. 2 ed.. Uberlândia, Editora da Pavan, 1982.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 2ª. Ed São Paulo. T. A. QUEIROZ/EDUSP. 1987.

BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. *Scholla Mater: A Antiga Escola Normal (1911 - 1933)*, São Carlos, Editora da UFSCar, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Trad. Guacira Lopes Louro. *Teoria e Educação*. Evangraf, Porto Alegre, nº 2, 1990, pp.177-229.

DIÁRIO DAREVOLUÇÃO, nº 35, 15/11/30, p. 2.

DIÁRIO DAREVOLUÇÃO, nº 5, 11/10/30, p. 3

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. In: *Os Pensadores*. Vol. XXXIII. São Paulo. Abril. 1973.

GATTI JR., Décio e outros. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas (2): 5-28, 1997.

_____. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação*. ASPHE/FAE/UFPEL, Pelotas (2): 5-28, 1997.

GATTI, Giseli Cristina do Vale e MENDES, Viviane Santana. Reconstruindo a Memória Educacional Uberlandense: A Escola Estadual de Uberlândia. *Boletim CDHIS* (Centro de Documentação e Pesquisa em História), Uberlândia, 9(17): 4-5, 1996.

GOUBERT, Pierre. História Local. *Revista História e Perspectivas*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, nº 6, 1992, p. 45-57.

INÁCIO FILHO, Geraldo. *Ordens do Dia e Educação Política: da Construção à materialização da Representação Coletiva*. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 1997.

JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo. Martins Fontes, 1990.

MAGALHÃES, Justino. *Contributo para a História das Instituições Educativas - entre a memória e o arquivo*. Universidade do Minho (mimeo).

MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. Trad. Luis Cláudio Castro e Costa. São Paulo, Martins Fontes. 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O Conceito de Representação dentro da Sociologia Crítica. In: GUARESCHI, Pedrinho e JOVCHELOVITCH, Sandra. *Textos em Representações Sociais*. 2 ed. Petrópolis. Vozes. 1995, p. 89-111.

MUNICÍPIO DE UBERABINHA. *História, Administração, Finanças, Economia*. São Pedro de Uberabinha (Uberlândia). Oficinas Typographicas da Livraria Kosmos, 1922.

PANTAGLEAN, Evelyne. A História do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 1990, p. 292-312.

PEREIRA, Luiz e FORACCHI, Marialice M. *Educação e Sociedade*. 10 ed. São Paulo, Nacional, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em Busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.15, nº29, 1995, pp.9-27.

PETITAT, André. *Produção da Escola/Produção da Sociedade*. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre. Artes Médicas, 1994.

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. *História da Educação Brasileira*. 9 ed, São Paulo, Cortez, 1989.

RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. Uberabinha, Trabalho, Ordem e Progresso. *Cadernos de História*. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, nº6, 1996, p.115-134.

ROMANELI, Otaíza de Oliveira. *História da Educação no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1986.

SILVA, Luiz Antonio Rocha e. História da Construção do Prédio do Colégio Estadual de Uberlândia (Museu) feita pela "Sociedade Para O Progresso de Uberabinha". *Boletim do CDHIS*, Uberlândia, 12(25):10 a 13, 1999.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central*. Uberlândia, Uberlândia Gráfica, 1970.

VIEIRA, Maria do Pilar e outros. *A Pesquisa em História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

WIRTH, John D. *O fiel da balança - Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982.

Recebido em novembro de 2003
Aprovado em março de 2004